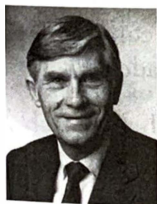


O que é cultura? Para o aluno que está começando a estudar antropologia missionária, muitas vezes essa pergunta é a reação inicial a uma coleção confusa de descrições, definições, comparações, modelos e paradigmas. É provável que, na língua portuguesa, não exista outra palavra com sentido mais abrangente que “cultura” e não haja outro campo de estudo mais complexo que a antropologia cultural. De qualquer maneira, a compreensão adequada do significado do termo é um pré-requisito para qualquer comunicação eficaz das boas novas do evangelho a um grupo humano distinto.

O primeiro passo no estudo da cultura é dominar a própria cultura. Todos têm uma cultura. Ninguém conseguirá divorciar-se de sua cultura. Embora seja possível apreciar culturas diferentes e até mesmo estabelecer comunicação efetiva com mais de uma, o fato é que ninguém consegue elevar-se acima da própria cultura ou de outras culturas, de modo a obter uma perspectiva verdadeiramente supracultural. Por essa razão, mesmo o estudo da própria cultura é uma tarefa difícil. É quase impossível olhar de modo objetivo e completo para algo que é parte de si mesmo.

Um método útil é olhar para uma cultura e visualizar sucessivas “cascas” (como de uma cebola), ou seja, níveis de entendimento, à medida que se aproxima de seu verdadeiro cerne. Para isso, a técnica do “marciano” é bastante útil. Nesse exercício, simplesmente imaginamos que um marciano acabou de chegar em sua nave espacial e observa as coisas com olhos de alienígena.

A primeira coisa que o recém-chegado irá perceber é o comportamento do povo. Essa é a casca mais externa, superficial, observada por um ser de fora. Que atividades ele observará? O que está sendo feito? Ao acompanhar um grupo que se dirige a uma sala de aula, nosso visitante observará várias coisas interessantes. Ele verá pessoas entrando num compartimento através de uma ou mais aberturas. Elas se espalham pela sala de maneira aparentemente arbitrária. Outra pessoa, vestida de modo diferente das demais, entra e rapidamente se dirige a uma posição por certo pré-determinada, de frente para as demais, e começa a falar. Ao observar a cena, ele pode se perguntar: “Por que estão dentro de um compartimento? Por que aquele que fala se veste de modo diferente? Por que há



■■■■■

LLOYD E. KWAST lecionou durante oito anos numa faculdade e escola teológica em Camarões, na África Ocidental, pela North American General Mission. Trabalhou como chefe do Departamento de Missões do Talbot Theological Seminary. Ele era professor da School of Intercultural Studies da Universidade Biola e diretor do programa de doutorado em missiologia na mesma escola.



tantas pessoas sentadas enquanto uma fica de pé?”. Essas são perguntas acerca do *significado*. São provocadas pelas observações sobre o comportamento. Pode ser interessante indagar de alguns dos observados por que estão fazendo as coisas daquela maneira. As explicações podem até divergir um pouco, mas alguns provavelmente irão sacudir os ombros e responder: “É como fazemos as coisas aqui”. A última resposta revela uma função importante da cultura: fornecer “um modelo padronizado de fazer as coisas”, que é como um grupo de antropólogos missionários definiu a cultura. Você pode chamar “cultura” a “supercola” que une as pessoas e lhes proporciona um sentimento de identidade e continuidade e que é quase impenetrável. Essa identidade é mais visível na maneira em que as coisas são feitas, isto é, no comportamento.



Ao observar esses humanos, o nosso visitante do espaço começará a perceber que muitos comportamentos são aparentemente determinados por escolhas semelhantes, feitas pelos membros dessa sociedade.



Essas escolhas inevitavelmente refletem a questão dos valores culturais, que é a próxima casca — nível interior — de nossa análise da

cultura. Essas questões sempre dizem respeito a escolhas sobre o que é “bom”, o que é “benéfico” ou o que é “melhor”.

Se o marciano continuasse a fazer perguntas aos humanos dentro do compartimento, poderia descobrir que tinham várias outras alternativas a passar o tempo naquele local. Poderiam estar trabalhando ou se divertindo, em vez de estudando. Muitos escolheram estudar por entenderem ser uma escolha melhor que trabalhar ou se divertir. O marciano também descobrirá várias outras escolhas que eles já fizeram. Muitos escolheram chegar àquele compartimento pilotando pequenos veículos de quatro rodas, por perceberem que a capacidade de se locomover rapidamente é benéfica. Além disso, percebeu que alguns entraram correndo no compartimento, depois que os demais já estavam acomodados, e que de novo saíram correndo da sala, logo que a reunião terminou. Para esses apressados, o tempo é muito importante. Valores são decisões “pré-estabelecidas” tomadas pela cultura diante de escolhas frequentes. Os valores informam aos que vivem dentro da cultura o que “deve” ser feito a fim de se adequarem ou se conformarem àquele padrão de vida.

Além das perguntas a respeito de comportamento e de valores, deparamos com uma questão mais fundamental na natureza da cultura, que nos conduz a um nível mais profundo de compreensão: o das crenças culturais. Essas crenças respondem, para aquela cultura específica, à pergunta: “O que é verdadeiro?”.





Numa cultura, os valores não são escolhidos ao acaso, mas invariavelmente refletem um sistema subjacente de crenças. Por exemplo, na situação da sala de aula, pode-se descobrir, depois de uma investigação mais aprofundada, que a “educação” dentro daquele compartimento tem um significado especial por causa da percepção que eles têm do que seja verdadeiro acerca do ser humano, de sua capacidade de raciocínio e de sua capacidade de resolver problemas. Nesse sentido, a cultura tem sido definida como “maneiras de perceber as coisas, maneiras que são aprendidas e compartilhadas” ou como “orientação cognitiva compartilhada”.

É interessante que o inquiridor do espaço talvez descubra que as pessoas naquele compartimento, embora tendo comportamento e valores semelhantes, podem professar crenças bem diferentes a respeito desses valores e desse comportamento. Talvez descubra também que os valores e o comportamento às vezes são contrários às crenças que supostamente os produzem. Esse problema é resultante da confusão dentro da cultura entre crenças operacionais (que afetam valores e comportamento) e crenças teóricas (convicções expressas em palavras, cujo impacto é praticamente nulo sobre os valores e o comportamento).

No coração de qualquer cultura, está sua *cosmovisão*, a qual responde à mais básica das perguntas: “O que é real?”. Essa área da cultura tem relação com as grandes questões “últimas” da realidade, que raramente são discutidas, mas para as quais a cultura oferece suas respostas mais significativas. Quase ninguém a quem o marciano interrogou havia pensado seriamente nas pressuposições mais profundas a respeito da vida, as quais explicam sua presença na sala de aula. Quem são? De onde vieram? Existe outra coisa ou alguém mais a ocupar a realidade, que deva ser levado em conta? O que eles veem é realmente tudo o que existe, ou existe alguém ou alguma coisa mais? O agora é o único tempo que importa, ou os acontecimentos do passado e do futuro

causam impacto à experiência atual? Cada cultura presume respostas específicas a essas indagações, e essas respostas controlam e integram cada função, cada aspecto e cada componente da cultura.



O entendimento da cosmovisão como o cerne de cada cultura explica a confusão que muitos experimentam no nível das crenças. A cosmovisão de uma pessoa oferece um sistema de crenças que se reflete em seus reais valores e comportamento. Às vezes, um sistema novo ou rival de crenças é introduzido, mas a cosmovisão não é desafiada e permanece sem mudar, de modo que os valores e o comportamento refletem o antigo sistema de crenças. Às vezes, os que compartilham o evangelho em situações transculturais deixam de levar em conta o problema da cosmovisão e ficam, portanto, desanimados com a ausência de mudança genuína que deve ser produzida por seus esforços.

Esse modelo de cultura é simplista demais para explicar a variedade de componentes e relacionamentos complexos que existem em cada cultura. Todavia, é a própria simplicidade do modelo que o recomenda como básico para qualquer um que se dedique a estudar a cultura.